



**Me. Moacir Gomes de Almeida<sup>1</sup>**

**A seção ABERTURASE ARMADILHAS apresenta entrevistas relativas ao campo da Arte e/ou do Ensino de Arte**

<sup>1</sup> Doutorado do Dinter UNESP/UEMG na linha de pesquisa: Processos artísticos experiência educacionais e mediação cultural. Mestre em Educação (UEMG) e Docente na FAE/CBH/UEMG na disciplina Arte na Educação. SCIAS-Arte/Educação, Belo Horizonte, v.16, n.1, p.159-166, jan./jun.2025

**Moacir Gomes de Almeida:** fale sobre os principais instrumentos que você toca e qual é o grau de importância deles na sua trajetória musical.

**Márcio Batista:** Comecei como cantor de baile. Aí nos anos 70, com a influência da música Latina. Chamam de rock latino, aquela coisa do Carlos Santana. Eu tive que tocar tumbadoras. A partir daí eu peguei gosto pela percussão, continuei cantando e tocando. Fui tocando outros instrumentos até chegar no pandeiro, na zabumba, que é uma coisa que eu gosto muito, e no bongô, que eu uso muito atualmente. São os meus preferidos hoje: Pandeiro, zabumba, bongô e o tamborim, são os que eu uso mais. Esses acabaram ficando como meus preferidos e que tem uma trajetória na minha vida.

**Moacir Gomes de Almeida:** Me fala sobre os grupos que você participou ou que você participa ao longo da sua carreira.

**Márcio Batista:** Eu comecei com as bandas de baile. Teve um tempo atrás que eu toquei com uma banda chamada GR3. Tinham três principais, o baterista, o cantor e o guitarrista que hoje virou uma dupla: Dom e Juan. Toquei no grupo Quinteto Violado que é muito conhecido no mundo inteiro.

Toquei aqui em BH com uma banda chamada Lombinho com Cachaça, na época da lambada. Atualmente eu acompanho cantores. Eu não tenho uma banda fixa mais não.

**Moacir Gomes de Almeida:** Com o quinteto você ficou quanto tempo? Os discos que você gravou, como é que foi?

**Márcio Batista:** Fiquei quatro anos, de 1981 até 1985. Participei de todos os festivais da Globo, chamado MPB Shell, eu fiz quatro com o Quinteto Violado. Ainda teve um, que foi o quinto, que chamou o festival dos festivais, eu fui com o Celso Adolfo. Ainda com o Quinteto nesse tempo eu fiz quatro discos. Depois toquei com o Luiz Gonzaga, Dominginhos.

**Moacir Gomes de Almeida:** Era LP na época?

**Márcio Batista:** Na época sim.

**Moacir Gomes de Almeida:** Você tocou com o Luiz Gonzaga também?

**Márcio Batista:** É, fiz shows. Era o Projeto Pinxinguinha. Tinha vários artistas. Eu cheguei a acompanhar numa gravação com Quinteto Violado.

**Moacir Gomes de Almeida:** Você tem uma vasta trajetória na música tocando instrumentos. Você compõe, você toca, além da percussão, algum instrumento de corda, sopra?

**Márcio Batista:** Eu sou desse povo que não toca outro instrumento. Porque muitos tocam violão, né? Eu não. Assim, tem uma certa facilidade até de ajudar em fazer arranjos, em gravação e tal. O pessoal gosta muito. Outra coisa eu não toco não.



**Moacir Gomes de Almeida:** Entendi. Então você faz uma composiçãozinha musical de vez em quando?

**Márcio Batista:** É, na gravação, né? Tipo, assim, qual instrumento usar, chama de arranjo, né? Qual instrumento usar, qual é melhor. Essas coisas eu faço. Tem uma certa facilidade.

**Moacir Gomes de Almeida:** Partitura, você consegue ler?

**Márcio Batista:** Não, não.

**Moacir Gomes de Almeida:** É autodidata?

**Márcio Batista:** Isso sim.

**Moacir Gomes de Almeida:** Comente-se sobre a sua vida. Tem passagens que você gostaria de falar sobre elas? Você acha importante que o público possa saber e conhecer mais um pouco sobre você?

**Márcio Batista:** Eu acho uma coisa interessante. Tem algumas coisas que são inéditas, eu cheguei a gravar com o Caetano Veloso. Eu participei do último disco da Nara Leão. Eu fiz uma faixa. E eu sempre estou em lugares inusitados.

**Moacir Gomes de Almeida:** Inusitado, por exemplo?

**Márcio Batista:** É, que eu tinha um projeto que se chamava Califórnia da Canção Nativa que é lá em Uruguaiana. Divisa de Brasil com Argentina. Os shows do festival sempre foram feitos por artistas gaúchos. O Quinteto Violado foi o primeiro grupo não gaúcho a fazer o festival. Eu estava. E o primeiro show de música em Fernando de Noronha eu participei com o Quinteto Violado. Essas coisas loucas assim, né? E a primeira vez que foi tocado choro na Romênia eu estava lá com meu amigo aqui, de BH, tocando chorinho. Eles nem conheciam o cavaquinho. Então tem essas coisas loucas na minha vida.

**Moacir Gomes de Almeida:** Então você tem a trajetória nacional e internacional também?

**Márcio Batista:** Sim. Eu participei por 11 meses com o grupo Oba Oba, que é um grupo de samba do Sargentelli. Aí eu passei por três capitais dos Estados Unidos, fazendo shows. Que durou 11 meses.

Como eu também estive em Israel com um grupo chamado Guararás, que é um grupo de dança folclórica da UNIBH. Eu estive na Romênia, Polônia e Israel, fazendo shows. Então é uma carreira superinteressante.

**Moacir Gomes de Almeida:** E no Brasil você conhece tudo?

**Márcio Batista:** Sim, eu nunca fiz show no Brasil, somente em Curitiba e Florianópolis, mas fiz do Acre até Porto Alegre.

**Moacir Gomes de Almeida: Do Oiapoque ao Chuí?**

**Márcio Batista:** Sim, exatamente.

**Moacir Gomes de Almeida: Bom, e da sua vida pessoal? Você mesmo, você quer falar alguma coisa? Alguma coisa que você acha importante?**

**Márcio Batista:** A minha vida pessoal foi toda ligada à música. Até o acidente que eu sofri. Eu não tenho nenhum trauma. Eu perdi a mulher e tive esmagamento das minhas pernas. Sou quase um homem completo. Eu tinha feito um baile e viajei pro Rio de manhã e poucas horas depois teve um acidente, Que aí eu perdi a esposa.

**Moacir Gomes de Almeida: Vocês foram de ônibus?**

**Márcio Batista:** Sim. Para o Rio, passar o Natal lá e ia voltar pra fazer um baile de Réveillon. Então minha vida tá toda ligada à música. Eu sou feliz pra cacete.

**Moacir Gomes de Almeida: E hoje, como é que é? Os planos para o futuro? Você pretende gravar um CD? CD não, agora como é que chama?**

**Márcio Batista:** Um disco, né? Trabalho próprio pra eu botar nessas mídias, não. Não tem esse projeto. Eu não sou mais um novinho, tenho 75 anos, aí eu fico mais naquela do presente. De ver o dia a dia. Porque eu estou naquela faixa que todo mundo vai embora. 76, então eu já estou, opa, é hoje.

**Moacir Gomes de Almeida:** Está vivendo plenamente cada momento?

**Márcio Batista:** Sim e tocando. Feliz, né? Como sempre. Estou dando a minha aulinha aqui, que eu tenho um aluno especial, que está comigo há 13 anos já, e tem um professor lá também.

**Moacir Gomes de Almeida:** Eu sou aluno dele, sou aluno de percussão.

**Márcio Batista:** É isso sim.

**Moacir Gomes de Almeida:** Como é que seria a sua vida sem a música? Você consegue imaginar isso? O que você faria se você não fosse o percussionista que você é?

**Márcio Batista:** Tédio total. Tédio.

**Moacir Gomes de Almeida:** Você teria uma outra vocação? Médico, político, alguma coisa parecida?

**Márcio Batista:** Não, engraçado, talvez se eu não fosse músico. Eu queria ser um psicólogo, uma coisa assim. Eu gosto muito de conversar. Seria uma coisa assim, nessa área de humanas.

**Moacir Gomes de Almeida:** Você chegou a fazer uma outra coisa que não fosse



**músico como profissão?**

**Márcio Batista:** Não, eu fiz trabalhos. Vendedor de loja, mas já tocando, entendeu? Então, aí quando eu tive capital, eu optei pela música.

**Moacir Gomes de Almeida:** Talvez um vendedor de instrumento musical agora.

**Márcio Batista:** Pode ser. Uma loja

**Moacir Gomes de Almeida:** Márcio, muito obrigado. Obrigado pela entrevista.

**Márcio Batista:** Estamos aí.

**Moacir Gomes de Almeida:** Em nossa revista Scias, Arte e Educação, na sua 16ª edição iremos publicar essa entrevista.

**Márcio Batista:** Foi um prazer contar um pouquinho da minha história.

**Moacir Gomes de Almeida:** Beleza, obrigado por enquanto.